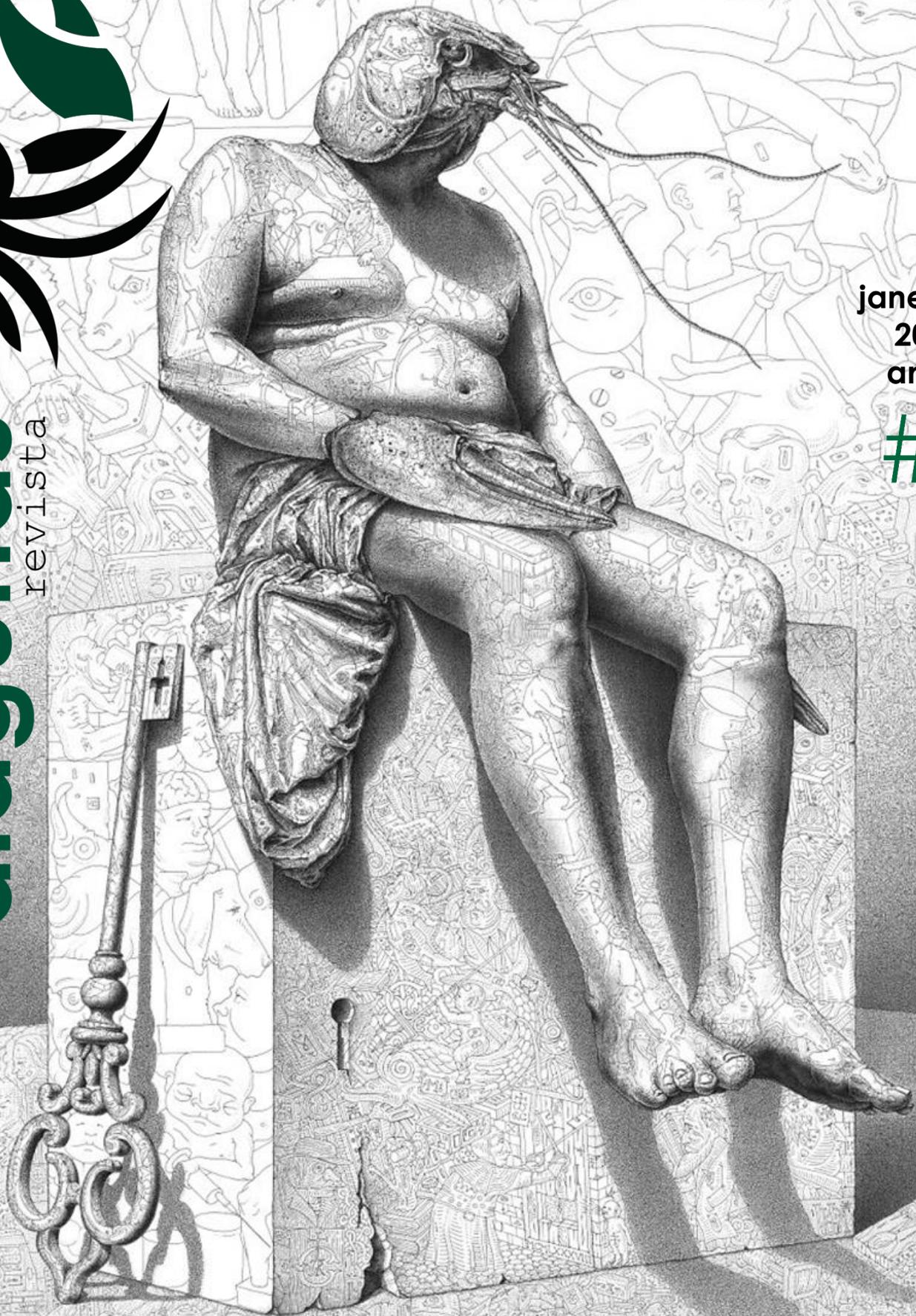


**alagunas**  
revista



janeiro  
2015  
ano I

# 1

[www.revistaalagunas.com](http://www.revistaalagunas.com)





As edições da **Revista Alagunas** não possuem direitos autorais. Podem e devem ser reproduzidas para fins não comerciais no todo ou em parte, além de ser liberada sua distribuição, preservando a fonte e o nome do autor.





#1  
lagosta

Janeiro  
2015  
Ano I

## editorial

### Editor

Geovanne Otávio Ursulino

### Editores adjuntos

Jarisson Albuquerque

Laís Messias

Mácllen Luan

Paulo César Moreira

### Corpo Editorial

Alberto Lins Caldas

Carlos Moreira

Patrícia Laura Figueiredo

### Autores

Alberto Lins Caldas

Ana Iris Santos

Geovanne Otávio Ursulino

Jarisson Albuquerque

Laís Messias

Mácllen Luan

Patrícia Laura Figueiredo

Paulo César Moreira

Algunas #1 “Lagosta”, lançada no dia 25 de janeiro de 2015, como edição piloto aos projetos desta revista. Através de longas discussões a respeito de história, literatura e filosofia, a revista Algunas surge como ferramenta de enfrentamento do horror da realidade que nos cerca, através da literatura.

Reunindo nesta primeira edição, textos dos editores e colaboradores que contribuíram na construção do ideal da revista.

Algunas surge com a busca de um cosmopolitismo, desenraizada de regionalismos que contribuem para a perpetuação de um cultura, arte, literatura e pensamentos provincianos. Algunas não é uma revista acadêmica, muito menos de divulgação de velhos ou novos autores, não é um material de entretenimento, nem anseia fazer parte do espetáculo da produção literária.

Nesta primeira edição, publicamos poemas e ensaios, apontamos um horizonte perspectivo em construção.



revistaalagunas.com

Se houvesse apenas um espécime se rastejando por fora dos muros altos daquele momento.

Mas não havia.

Se houvesse alguma testemunha com olhos e ouvidos sujos – como de testemunha – para fazer outro o momento.

Mas não havia.

Houve só uma criança e disse seu nome – Breno; esteve envolvido com o momento

Mas não sabia.

Nem Breno nem ela nem eu.

Só sorrimos como o sol – e seguindo o sol – a lagoa que transpirava maresia crescia e nos envolvia ainda mais.

Breno com inocência juvenil falou seu nome depois dela ter dito o dela e eu ter dito o meu.

Mas sem poesia.

Não houve mais para fazer da droga da vida aquele momento, fundir em matéria de história o pensamento, dispersar novamente pessoas lugar e tempo.

Não houve; mas como é ainda aceso o sorriso dela – Rompendo desmanchando o muro desabando e o ar circulando então;

Breno indo embora com ela numa bicicleta velha.

Eu voltando ao trabalho.

paulo César  
**moreira**

no circo de animais tristes  
o mar é um cemitério  
onde esqueletos de guerreiros argentinos  
e seus cabelos  
amarrados em placas de concreto  
boiam

mais e mais todo dia  
no burlesco na alegria  
no prato frio  
um fundo de melancolia

que paris volte a ser paris  
nas sandálias de um imigrante  
um chagal um picasso  
jazz e surrealismo  
de novo aos nossos pés

monk e seus 46 baseados

tudo é música  
dos gregos ao monólogo  
tudo é cadência  
dicção (a primeira das delicadezas)  
se fazer compreender  
e a mais bela entre elas  
o silêncio

diabos saem das poltronas  
como no tempo de don juan  
molière e corneille

abrem-se as cortinas

les filles dans le ciel  
cavalos como os de forman  
se um japonês entra  
é preciso que ele se divirta  
se um surdo entra  
ele tem que brincar

colagens dadaístas  
de moisés a mao

topor e suas vacas negras

morrer de melancolia  
partir pra nova york de barco  
depois rua monsieur le prince

não fazer teatro político  
fazer politicamente teatro  
deixar cair o pano  
preto da dor de savary



porque um pássaro é evidente - cândido  
pequena coisa - crédulo  
porque duas asas voam  
o que uma alma pede  
pede tanta coisa

**mácllen  
luan**

porque um pássaro é evidentemente  
uma pequena coisa

dobra a rua  
que cruza o outro  
gorjeia um pranto

**se  
ser**

é um pássaro que envilece a vida com um pudor que  
envilece a vida com um desdouro  
que envilece a vida com-  
uma falta de ser o que é

se ser o que é  
de se ser o que é  
porque um pássaro é uma coisa que a alma pede

\*

nao vem me dizer que essa massa cinzenta nao faz  
diferenca  
em meu respirar!

nao vem me dizer que essa pasta nojenta nao da  
diferenca  
no meu caminhar!

nao vem me enchendo de trecos supérfluoleiros  
pre'u acumular!

nao me faz crer  
nao faco diferenca onde quer qu'eu va!

nao vem me dizendo pra nao bulir no lego  
pela ordem que esta!

porque

duvido-vuns desacredito-vuns expilo-vuns

volto a flutuar

\*

**Lais Cínica  
Messias**

vc precisa conhecer  
as pernas da minha dor

os braços da minha dor  
os dedos as unhas da  
minha dor

a boca os dentes os olhos  
as olheiras da minha dor

ouvir quando ela geme  
quando engasga e ri

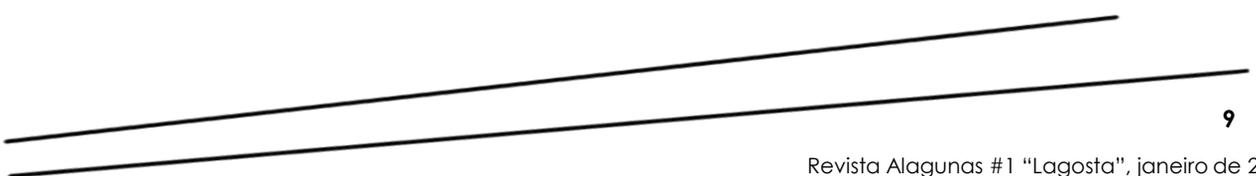
conhecer os rins  
o fígado os pulmões

os sonhos os desejos a  
fome  
a febre da minha dor

vc precisa conhecer  
o corpo da minha dor

**Por uma escrita-não-preconceituosa:**  
evitando os preconceitos no discurso dentro  
duma linguagem viciada.

**Jarisson Albuquerque**  
**Geovanne Otávio Ursulino**





\*

só o instante  
na carne  
roendo doendo  
mesmo não  
havendo

só o instante  
sem dentro  
só vácuo  
roído sem  
preparo

só o instante  
sem preces  
a carne  
q pulsa  
padece

só o instante  
nesta dor q não  
dá

\*\*\*\*\*

dito isto  
disse q comessem

menos pra maskri  
sua dor é do tamanho da fome  
não espera as poesias do gerente



geovanne otávio  
ursulino



## pina

patricia laura figueiredo

enquanto o amor dormia  
pina dançava  
pina ia e vinha

em duas  
ou três passadas  
pina voava

enquanto o amor dormia  
pina ria



\*

Quando se esta muito tempo na neblina  
o mais fugaz vislumbre  
dia noite  
tem outro sabor

Quando se esta muito tempo na neblina  
pouco importa distinguir  
tempo dia noite misturados  
tem outro sabor

Quando se esta muito tempo na neblina  
relações desaparece  
trato com gentes  
tem outro teor

até quando conseguir  
a cada mergulho  
emergir ?

\*

**Lais Cínica  
Messias**

\*

**não escondem mais o sangue  
nem as mãos sujas  
não lavam mais o chão  
nem se retira dali o corpo**

**ela pensa: preciso de deus  
enquanto eu  
falsamente suspiro a falta dele  
finjo q ainda ha esperança**

**nisso a bruxa pega fogo  
enquanto isso  
a cabeça racha no calor  
e todos riem**

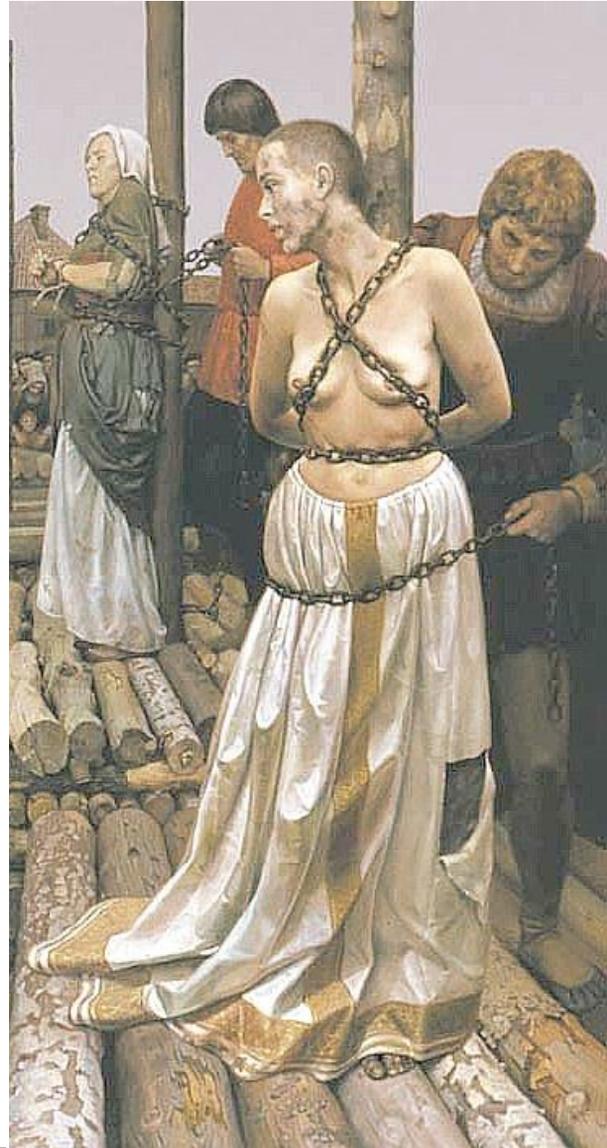
**um engano uma morte  
morte antes mesmo de tudo**

**o sangue secou  
antes da gordura  
antes do corpo**

**antes do fogo  
já era a morte**

**antes de cair  
já era entulho**

\*



Entendi que o dia desalinha  
No canto intermitente de mil cigarras  
    Não há felicidade no inevitável  
Como um elástico seco que o horizonte extenua  
Até romper fatídico  
    O dia caminha para a cama  
    Porque na cama nasce

O dia debruçado numa panóplia de calor  
Espera a vinda de um sono terrível  
    Entendi que é o grande escárnio da vida

Entendi que o dia é o violento ulular do homem  
É o ulular mesmo diante do espelho  
É a fantasia das cigarras feito carpideiras  
Que nela me faço conhecer as outras faces da tarde  
É o porvir de uma noite até o alvorecer

É o canto de mil cigarras que ouço  
Na última hora da tarde quente  
Quando insetos colidem como farpinhas meu rosto sujo  
    Uma inevitável hora de querer não ser  
    Um inevitável tédio de se ser

Mas embora o romper do tédio  
Assim como a certeza do dia  
É de um cinza malva delgado no céu  
Há também a felicidade que me apascenta  
No ouvir intermitente o canto de mil cigarras

## mil cigarras

**mácllen  
luan**



\*

Eles dizem:  
corpo p ser corpo  
p ser um corpo "válido" "salvo" ...  
deve pertencer e ser reconhecido  
estruturas                    sistemas                    dispositivos...



do contrário  
seria um "corpo" no mundo  
e "corpo" no mundo  
q não reconhece      não submete      não reafirma  
não cimenta              todas crenças carcomidas...

num é corpo

é qualquer coisa sem valor no mundo  
é coisa de ninguém  
portanto  
é coisa de qualquer um  
sujeito aos mandos e desmandos  
nos ditames das vontades do corpo q é válido  
dos iguais entre iguais  
\*

**Lais Cínica  
Messias**



descascou a palavra  
de todo encantamento

raspou com a faca  
todo seu verniz

arredondou com os dedos  
o farelo que sobrou

esquentou com a boca  
pousou sobre os lábios

engoliu

patricia laura figueiredo

\*

cara de bode não é o nome dele  
mas so conhecemos  
como cara de bode

o de verdade se existe  
ninguém sabe  
talvez nem tenha

talvez a gente  
tenha chamado ele  
de cara de bode  
e ficou assim

**geovanne otávio  
ursulino**

\*\*

cara de bode sempre com certezas  
vivia gritando conselhos

cara de bode sempre achou  
q não chegaríamos à sua luz

evitei esbarrar com ele  
mas chegou o tempo  
em q todos e tudo  
tinha a cara de cara de bode

em tudo sua voz

cara de bode  
tava estampado pela cidade

**cara de  
bode**

falava através de cada boca  
olhava através de cada olho  
enchia o espaço de cada vida  
ele era agora a própria cidade

\*\*\*

há séculos silencieei  
acham q nem falo  
me livra da obrigação de comentar  
as aberrações de cara de bode  
o q me traria graves danos

os amigos desaparecem  
e em suas casas  
logo passam outros a morar  
sem restar nada dele

\*\*\*\*

cara de bode  
me escolheu como seu motorista  
ele gosta dos meus serviços  
ele fala demais  
enquanto ouço tudo  
num profundo silêncio

**cara de  
bode**

hoje ele me disse  
q tinha uma palavra pra cidade  
disse q encontraríamos a liberdade  
q éramos limitados  
disse pra pegar ele de noite  
disse q mudaria nossa cidade  
disse pra me sentir honrado  
porq mesmo sem dar uma só palavra  
sou fundamental

naquela noite  
taríamos todos condenados

\*\*\*\*\*

logo tarei morto  
antes observo a cidade  
com a morte do profeta

alguém  
finalmente silenciou  
esse cara de bode  
e esse alguém fui eu

a voz dele  
lembrava sempre  
minha covardia

**cara de  
bode**



## minha pequena criança

paulo César  
moreira

Como é bom te ver assim minha pequena criança  
Pulando sorrindo ansiosa pelo amanhã pelo futuro  
É bom te ver alegre chamando o fim dos tempos de escola  
Batendo os olhos e imaginando a responsabilidade



Vibra sobe o mais alto que pode  
Deixa que todos vejam sua bela alma jovem  
Não se importe com o que irão pensar apenas voe criança  
O futuro chega amanhã e sua alma – não a queremos

O que nos interessa é o seu corpo delicioso  
O que ele carrega de longe e o que pode carregar de perto  
Interessa-nos seu interesse pelo amanhã que já chega

Não se importe com as engrenagens que irão despedaçá-lo  
Não se importe com o que dirão sobre sua alma impecável  
Não se importe se o carimbo doer na razão

Nós não a queremos e isso ficará claro nos contratos  
Queremos a sua sede pelo futuro seu horário  
Queremos a força que há nos seus braços

Não se importe se vai doer se vai levar toda a vida  
Não se importe se não vai sobrar nada no final  
Preste atenção no que acredita – seus sonhos! – é o que conta

Tão linda minha criança minha doce criança  
Tão logo sua ânsia pelo fim das aulas diárias  
Dos gritos e gemidos no intervalo das aulas terá fim

Tudo terá fim minha criança e você nem começo  
Por que o que te carregava nunca carregará  
E o que te deixou por aqui foi o que tu carregaste

Será bem vindo você e seus sonhos todos eles  
O nosso único medo meu amor de criança  
É que você acredite no mundo onde sonha  
E não no mundo dos sonhos dos futuros

O nosso medo meu amor  
É que você e seus amigos do colegial  
Percebam que para o mundo há um sonho  
Em que a felicidade brota em todos os cantos

Mas não faria isso nem você nem seus amigos  
Ficarão a mercê da sorte da ordem das leis de deus  
Não se entregarão à tentação e serão grandes

Serão peixes do fundo e permanecerão mergulhados  
Mergulhando talvez apenas alguns segundos  
Se molhando um pouco e correndo que o frio chega logo

Se espalhando na água e voltando; sem se armar  
Pega-para-capar e pega na mão – terra firme!  
Preferindo todas as certezas por nenhuma – sombra de dúvida?

\*

no princípio era o verbo, e o verbo  
estava com deus, e o verbo era  
deus

evangelho segundo joão

o ocidente é o povo da palavra, ao ocidente, a palavra é o real. deus  
não veio antes da palavra: a palavra é deus. **[i]** só há o ocidente e  
nada mais. para o ocidente só há o dentro: o fora também é dentro.  
**[ii]** caos: o pai dos titãs. **[iii]**

i

a bíblia. o corão. as bulas. o direito consuetudinário. os dois corpos  
do rei. a carta do direito do homem e do cidadão – desde que yawhe  
pelo poder de sua palavra ordenou que houvesse a luz, o poder da  
palavra tudo criou: e a palavra criou o poder. quando o urro de  
sofrimento deixou de ser berro e passou a ter significado, símbolo,  
signo, a linguagem se fez: socorro! a palavra se dá para fora. o  
sujeito, o predicado e a relação que os une, são elementos  
indispensáveis na formação de uma proposição. partindo de adam  
smith, a forma primitiva da palavra, era composta somente por  
verbos: chover, andar, colher, comer, beber, correr. sujeito e predicado  
tem a mesma “natureza”, podendo mediante atividade do verbo,  
contrair significados variados: o verbo é a articulação dos signos.

o poder não só limita, o poder cria: discurso conhecimento cultura  
governo rito razão: poder cria poder. – a carta magna. o veredito. a  
homilia. o manual da cafeteira. a pílula de farinha. o sobrenome.

ii

o império romano é o cerne do ocidente, para roma tudo que estava  
além de suas fronteiras era bárbaro. César era augustus. o direito a  
língua a filosofia era de roma. zeus era júpiter. por fim: o messias  
também era romano. a criação de jesus no século ii é a manifestação  
maior do império da sua centralização. partindo de sênica/paulo de  
tarso: todos são iguais diante da lei/todos são iguais diante de deus.  
o império romano é o princípio da universalidade.

a homem. a humanidade. a história. a natureza. a razão. o indivíduo. a evolução. a máquina a vapor. o trabalhador. a revolução. a enciclopédia. a raça. o lirismo. a economia – partindo de todorov: o iluminismo transmuta o mito da fé em mito da razão a salvação em felicidade a igreja em governo o éden em natureza os filhos de deus em trabalhador a bíblia em história: modernizando os pressupostos ocidentais de universalidade.

a imanência guilhotina a transcendência. a burguesia em atividade ascendente não permite a existência de rito modo instrumento ética essência substância aparência gênero identidade raça paixão ofício estética. a burguesia dissolve todas as relações anteriores a ela, e produz o mundo a sua imagem e semelhança. o escoamento da produção cria a necessidade de um mercado em constante expansão global: a burguesia moderniza os pressupostos ocidentais de universalidade.

a universalidade do império romano: toma corpo com o cristianismo: se moderniza com as luzes: é elevado a máxima potência pela a burguesia – capitalismo.

### iii

sim bem primeiro nasceu caos, depois também terra de amplo seio, de todos sede irresvalável sempre, dos imortais que têm a cabeça do olimpo nevado, e tártaro nevoento no fundo do chão de amplas vias, e eros: o mais belo entre deuses imortais solta-membros, dos deuses todos e dos homens todos ele doma no peito o espírito e a prudente vontade.

hesíodo

a morte de deus evidencia o caos. a priori: kant cria o mundo perspectivista. partindo de fogel, o perspectivismo pressupõe o niilismo. deus/metafísica sofre o golpe final no limiar no século xix. assim como em tolkien onde os elfos partiram da terra média de volta para as terras do norte dando início a era dos homens: o capital finda o mundo das coisas mágicas e os antes filhos de deus agora órfãos são obrigados a enfrentar o mundo frígido brutal e desvelado do mercado.

talvez uma manhã andando num ar de vidro,  
árido, voltando-me, verei cumprir-se o milagre:  
o nada às minhas costas, o vazio atrás  
de mim, com um terror de embriagado.

depois como em painel, assentarão de um lança  
árvores casas colinas para o habitual engano.  
mas será tarde demais; e eu irei muito quedo  
entre os homens que não se voltam, com meu segredo.

eugênio montale

a gramática em sua prepotência metafísica se propõe a ser a  
representação deste mundo: criando relação entre o suor que escorre  
na testa, com o sol ardente do meio-dia, entre a cor da pele com a  
escravidão, entre a cura do servo do centurião de Cafarnaum e a  
palavra proferida pela boca do messias, entre as pedras nas costas e  
o salário no fim do mês.

evidenciado o caos: emerge como potência criativa a linguagem  
caótica. partindo de hakim bey, a gramática/a língua/a palavra não  
são inatas, mas sim surgem de forma espontânea a partir do caos. como  
proposição: o caos linguístico aponta a possibilidade de evasão dos  
limites imposto pela gramática/língua/palavra. considerando-as como  
um sistema dinâmico complexo ou campo caótico. dito isto: é  
evidenciada a possibilidade da linguagem sobrepor-se à  
representação e à medição: por ser caótica. 🍃

temo que, enquanto tivermos gramática, não  
tenhamos matado deus.

friedrich nietzsche

O peso é a minha mão, e eu o sufoco. Dispenca no ar, na parede; óh! vampiro de olhos cegos e miudos. Solta a tua secura na cerâmica e pousa a tua morte em minha fúria – sem elas não serias nem percebido.

Outrora, caça o meu sangue, agora cochila no fim dos séculos, sem saber de qualquer horário ou precisão, és tão calmo como o antes, o passado. Esfria o teu corpo nessa solidão sem vida enquanto milhares dos teus dançam lá fora – a dança da fome.

Desaparece! Atravessa o portal dos mundos, descobre os segredos.

Descansa na subdivisão do azulejo, deforma-o para o nada, pergunta se afunda – ele nada dirá. És tu. Sem roupa ou vôo, de qualquer maneira – desajeita e não se fala mais.

Enquanto me divirto em filosofias obscuras, olho e não estas mais lá. Nem embaixo, nem atrás. Ressucitar não é teu forte. Tuas asas não são tão fortes. Teus músculos e perninhas não são tão fortes. Agil é o teu ouvido, teu movimento ruidoso.

Sumindo – nas correntes que arrastam o ar – leva junto o tempo, despedaçando sua forma nas montanhas espaciais – Encruzilhada – tu que és a oferenda! Delicia-te na boca desdentada, sem lingua original desses deuses silencioso.

Na hora a morte mergulha no mar de cubos o corpo mosquito desde então já velado, abraça-o e vai embora ao espaço de uma barra.

## merlin

patricia laura figueiredo

desiludido como merlin  
sem asas  
desencantado como merlin  
sem retorno

enfeitado  
no próprio feitiço  
preso  
numa prisão sem ar

escutam seu grito  
sem solução

não é grito  
ou urro  
q se conclui  
não

é um grito de merlin  
o grito infinito de deus



"Ouçam-me! [...] Sobretudo não me confundam."

Ecce Homo

Nietzsche

\*. poema não é poesia ou verso, não é música, harmonia ou melodia, – não é canção, não é ritmo, cadência ou compasso, – não é tradição, não é costume, – não é língua nem linguagem, – não é "linguagem condensada", – não é a poundiana "linguagem carregada de significado até o máximo possível", – mas aquilo q mente, logra, engana, ilude, ofusca se mostrando como linguagem, – e por isso não é nada, não pode ser nada, não quer ser nada, nada significa – lutando por essa radical insignificância, por essa mentira radical: poema é essa monstruosidade q não suporta absolutamente nada, nada carrega, nada aponta, nada comunica, – aquilo q transparencializa signos, formas, ideias, conceitos, figuras, imagens, emoções: – pra nada, por nada, com nada: – poema é aquilo q não diz, q não quer dizer, q não dirá, q nada força a dizer, q é contra o dizer, – e não conta, não reproduz, não pinta, não pensa, não comunga, não participa, – mas o q abre a visão, o q vive e faz respirar repentinamente numa estranha brecha, – o q escancara o corpo, as vísceras, a intuição, o paladar, – o antes e o depois da consciência, – poema não é pra consciência, mas pro corpo, o dentro do corpo, aquilo q pode sentir e lutar contra as raízes, as folhas, os gordos galhos do horror, as palavras do horror, a vegetativa e monstruosa forma de vida do horror: o exato oposto ao quantum de silêncio da linguagem – o q não é de nenhuma língua, de nenhum povo, de nenhum tempo – o q não é poesia – o q não advém de um "eu", de um "sujeito", mas é uma arma – pedra, vidro, madeira, vírus, canhão – não é a criação de um "poeta" e do seu eu apaixonado por si mesmo, por sua vida e personalidade, por suas minúsculas aventuras: o poema é ficção, é criação de narrador, é o q rouba a estabilidade, a crença fácil, o fogo fraco, a voz covarde e nada põe no lugar.

# o poema

\*. o horror, – essa coisa perversa q envolve todos, q invade, direciona, sufoca, formata, deforma, machuca e faz ferir, – as malhas da virtualidade social tecidas pra produzir e reproduzir, – q parece “vida normal”, mas são redes sociais e pessoais monstruosas. enfrentar o horror é uma das últimas e primeiras “missões” da literatura, do poema. o libertino enquanto poemata é aquele q luta contra o horror impondo sua vida como obstrução real à essa proliferação doentia: – o poema é obstrução ou não é poema: o insignificante “múltiplo” contra o significado.

\*. poema não é o q se interpõe entre mim e as coisas, entre mim e as sensações, mas aquilo q não impede esse contato: e pra isso é preciso não dizer, não significar, não impor nem se impor, não fazer o jogo das frases feitas, das formas feitas, dos clichês de todas as falas e todas as escritas [sem esse jogo ridículo do mesmo não há a comunicação, o quantum de silêncio: – o poema não pode jamais fazer parte disso q chamam “escrever bem”, coisa de jornalistas, cronistas e “escritores de província”, de poetas apaixonados pela sua vidinha, pelo seu paizinho, por sua inteligenciazinha: o poema não é “comunicação”, não é “crônica poética” como toda a obra de carlos drummond de andrade e praticamente toda a “poesia ibérica” e brasileira].

\*. o poema usa a palavra como “coisa morta”, como “fetiche”, como “múmia”, como obrigatoriedade inescapável, mas contornável: usa a palavra contra a palavra, essa máscara de não dizer escondendo q não diz: – o poema não diz pra dizer duma maneira q somente ela pode: o poema não mente sua mentira, não mente q mente: somente essa mentira pode ser “além da verdade”, essa deformação cancerosa das palavras, essa mentira delirante.

\*. o poema é o q dissolve as perversas malhas de conceitos, formas, formulas, modelos q foram se impondo como mediadoras das relações vitais, com a pluralidade, com os fluxos, com a negatividade, com a vida adoecida: – o poema fica diretamente diante da vida, dentro da vida atraindo os infinitos fragmentos perversos do horror: desadoecendo a vida.

# o poema

\*. o poema é o q nega e não é a escrita sociodemonazifascistacristão (o específico luzo-nazismo, o nazi-brasileirismo) q sempre foi a chamada Literatura brasileira (o melhor exemplo do quanto de silêncio, ou a q extremos patéticos esse quantum pode ir): – a Literatura da palavra, da palavra em concordância, da comunicação, da fabulação, de tudo em anuência, em confabulação, em conchavo, em acordo todos fazendo Literatura e achando lindo: a Literatura dos letrados, a oligarquia das letras, dos “homens bons”, dos bens posicionados, a boa gente; Literatura da fazenda, da terra e da fábrica, dos donos e dos cães dos donos, dos brancos católicos, dos gramáticos, dos “cães de guarda das letras”, dos cães de guarda da nação, das leis, dos exércitos, das igrejas, dos estados, dos governos, da paz social; – a Literatura dos q podem dizer, dos q podem impedir de dizer e impedem, dos q sabem o q deve ser dito e da maneira q deve ser dito: – e dizem e só dizem assim, fazendo com q todos digam também assim, e amém [o quantum de silêncio é uma torrente monstruosa de poder coisificante e integrador].

\*. o poema é o q recusa, repele, nega, mergulha e fala de dentro das dobras contra as dobras – e veemente é o contrário daquilo q no brasil se costuma chamar de poesia, de verso, de escrita poética, de Literatura: o poema, na “língua portuguesa”, se faz contra a poesia, contra o poeta.

\*. poema é feito pela carne, coisa de libertino, de obsceno [todo poema é obsceno, porno-gráfico, um abscesso] – coisa não-coisa contra a carne por dentro do fora articulando tendões; pelo ódio contra o ódio; pela indignação; contra a Política, contra a História, contra as Sociologias, contra o povo, contra as raças, contra as manadas, contra o mundo-médio, contra a “idade mídia”, contra as geografias; imposta e indisposta pelo não e pela negatividade, por tudo aquilo q enfrenta o horror, – jamais essa coisinha bem comportada, bem pensante, bem sensível, bem ordeira, coisinha bem papai-mamãe sob lençóis regionais ou nacionais, – bem-dita, rimadinha na medida, bem explicativa, substituta da masturbaçãozinha, da adolescência interminável, das velhices sem pudor, dos funcionários públicos,

dos minúsculos narcisismos, do voeirismo, das pedofilias, das necrofilias de shoppingcenteres e mídias, – das tantas vaidades, das cartas, das crônicas, dos artigos, dos jornais e revistas, dos chistes e das piadas, – e q tão bem se dá com todos os “podres poderes” do estado, com todas as oligarquias, palácios, secretarias, repartições, com todas as políticas e políticos, repúblicas, democracias, impérios, ditaduras, – com todas as tradições populares de submissão e impotência em se superar: aquele povo q pode apenas fazer palhaçadas pro riso das plateias quando não é mantido bem longe por feder; – e todas as tradições letradas e cultas, eruditas e universitárias da alienação e das ideologias.

\*. o poema é outra respiração (outro suor, outro corpo, outra raiva, outra profundidade, outro vírus), – luta encarniçada por essa outra respiração (esse outro suor, esse outro corpo, essa raiva, essa indignação, esse vírus): porq o poema é maneira radical, negativa, profunda, diferente – de respiração (de suor, de corpo), de toque: – ela respira em outro mundo, outra profundidade: – q não é o da mera visibilidade, ou das palavras, das ideias, dos costumes (onde se protege o horror, onde se reproduz o horror, onde se acaricia o horror), – mas aquele onde vibra o horror, o horror q ela aponta – perdendo a respiração, respirando diferente, chamando a atenção com essa res-piração, porq essa res-piração é pura loucura: – ou o poema é louco ou não é nada: aquilo q supera o sufoco das palavras, – o silêncio-silenciamento cruel q se apresenta como sentido, – a cabeça sangrenta de todas as górgonas ao redor, pondo em seu lugar essa denuncia vital q é o poema contra o horror. e se dizem q é poesia, não se engane, esse é mais um leitor idiota, ingênuo e q participa da “Literatura brasileira”, do povo brasileiro, da língua portuguesa e não passa de mais um cão de guarda da oligarquia das letras.

\*. um poema é uma “experiência direta”, uma “experiência pessoal”, mas uma “experiência interior” como queria bataille – abole o autor, a vidinha, o caso, a descrição, os sentimentos: partir da vida pessoal não faz do poema um relato, uma descrição de algo – ele é diretamente a “outra coisa aberta” pela

# o poema

experimentação da vida: sua língua não é nem pode ser a mesma da poesia (isso q não consegue escapar da latrina do eu e da vida e das coisas do eu), da crônica, do olhar q não escapa de si e das suas crenças: o poema é uma experiência da diferença, do movimento e do enfrentamento – sua substância é a ficção, a alteridade em guerrilha, o corpo dis-posto contra o mundo. a experiência do poema é uma ficção q possibilita uma experiência, nada legítimo, real, verdadeiro ou pessoal – qualquer “conto” de kafka. um poema é um instrumento de luta, uma arma, um arsenal – jamais uma declaração de qualquer coisa, um recado, uma mensagem, um dizer o q “sinto e penso”. o poema diz até onde pode ir o corpo, o pensamento a vida: não a vida aqui, a vida menor do “sujeito”, mas essa vida q se abre e é entrevista através do tecido do poema: a vida do horror, isso q treme e vibra e faz doer, esse lugar sem lugar dos espectros da máquina tribal, esse por dentro q é todo fora, esse lugar de guerra onde tamos todos envolvidos. sem uma dimensão, uma posição dionisíaca, um riso luciânico, um esgar cínico. sem violência política não há poema, só poesia, só crônica, só relato da latrina do eu, esse pobre eu q todos sabem, todos reconhecem, todos gostam e entendem – essa coisinha q os poderes e o poder adoram porq podem dominar, amedrontar, inverter, perverter, redirecionar e por “nas salas de aula, das salas de jantar e nos quartos”. o poema não é o poemata, não é dito pelo poemata, assim como o poema não é poesia ou verso, não é coisa de poeta. 🍀

## sobre os autores

**Patricia Laura Figueiredo** se dedicou ao teatro, à poesia e à vida em Paris onde mora desde 1990. Escreve em seu blog. Publicou o livro de poemas "Poemas Sem Nome" (Ibis Libris, Rio de Janeiro, 2011) em edição bilíngue em português/francês e publicará, em 2015, "No Ritmo das Agulhas" pela Editora Patuá, de São Paulo.

**Mácllen Luan** vive em Maceió, é professor de História e graduando em Letras pela Universidade Federal de Alagoas.

**Laís Cínica Messias** vive em Maceió e é poetiza.

**Jarisson Albuquerque** vive em Maceió e é bacharel em História pela Universidade Federal de Alagoas.

**Ana Iris Santos** vive em Maceió e escreve no blog "Ana Yris"

**Geovanne Otávio Ursulino** vive em Maceió e escreve no blog "Amorfo Poema".

**Paulo César Moreira** vive em Maceió, é poeta, músico e graduando em História.

**Alberto Lins Caldas** é professor da Universidade Federal de Alagoas. É autor dos livros de contos "Babel" (Revan, Rio de Janeiro, 2001), "Wyk" (Bagaço, Recife, 2007), "Gorgonas" (Companhia Editora de Pernambuco, Recife, 2008) e do romance "Senhor Krauze" (Revan, Rio de Janeiro, 2009); dos livros de poemas "No Interior da Serpente" (Pindorama, Recife, 1987), "Minos" (Íbis Libris, Rio de Janeiro, 2011) e "De Corpo Presente" (Íbis Libris, Rio de Janeiro, 2013). Publicou livros de teoria literária como "Oralidade, Texto e História" (Loyola, São Paulo, 1999), "Nas Águas do Texto" (Edufro, Porto Velho, 2001), "Litera Mundi" (Edufro, Porto Velho, 2002), "Oligarquia das Letras" (Terceira Margem, São Paulo, 2005). É editor da revista digital "Zona de Impacto".



#1  
lagosta

Janeiro  
2015  
Ano I

índice

<b>Editorial</b>	2
<b>Um momento</b> Paulo César Moreira	3
<b>Paris</b> Patrícia Laura Figueiredo	4
<b>Se ser</b> Mácllen Luan	5
<b>Nao vem me dizer</b> Laís Cínica Messias	6
<b>Dor</b> Patrícia Laura Figueiredo	7
<b>Por uma escrita-não-preconceituosa: evitando os preconceitos no discurso dentro duma linguagem viciada.</b> Jarisson Albuquerque Geovanne Otávio Ursulino	8
<b>Refeitório</b> Geovanne Otávio Ursulino	11
<b>Pina</b> Patricia Laura Figueiredo	12
<b>Quando se esta muito tempo na neblina</b> Laís Cínica Messias	13

<b>FMJ 33 Anos</b> Anas Iris Santos	<b>14</b>
<b>Mil Cigarras</b> Mácllen Luan	<b>15</b>
<b>Eles dizem</b> Laís Cínica Messias	<b>16</b>
<b>Palavra</b> Patrícia Laura Figueiredo	<b>18</b>
<b>Cara de Bode</b> Geovanne Otávio Ursulino	<b>19</b>
<b>Minha pequena criança</b> Paulo César Moreira	<b>22</b>
<b>Limitado à universalidade</b> Geovanne Otávio Ursulino Jarisson Albuquerque	<b>25</b>
<b>VAMISCO</b> Paulo César Moreira	<b>28</b>
<b>Merlin</b> Patricia Laura Figueiredo	<b>29</b>
<b>O Poema</b> Alberto Lins Caldas	<b>30</b>



[www.revistaalagunas.com](http://www.revistaalagunas.com)